



SEÇÃO TEMÁTICA

O princípio pluralista como elemento articulador de pesquisas na área “Ciências da Religião e Teologia”*

The pluralist principle as an articulatory element of research in religious studies and theology

Claudio de Oliveira Ribeiro**

Resumo: A pesquisa foi desenvolvida considerando-se o debate epistemológico que se tem dado no contexto da Área Ciências da Religião e Teologia no Brasil, em especial à relação entre estas duas disciplinas. O objetivo principal das análises feitas foi identificar os principais aspectos dessa relação e observá-la a partir do princípio pluralista. A pressuposição é de que tal princípio, devido às suas bases conceituais oriundas dos estudos culturais decoloniais, pode oferecer maior visibilidade ao poder criativo das fronteiras que existem entre as duas frentes em questão nessa análise e pode facilitar as reflexões de ambas ao ser um elemento articulador das pesquisas, sobretudo aquelas motivadas por realidades, temáticas e situações forjadas pelos “entrelugares das culturas” e por experiências fronteiriças. O passo metodológico principal da pesquisa foi o cotejamento do princípio pluralista com aspectos de destaque evidenciados no Documento da Área Ciências da Religião e Teologia (2019) da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), órgão que acompanha e avalia o Sistema Nacional de Pós-Graduação brasileiro. Deu-se atenção especial à “árvore do conhecimento” e aos perfis dos egressos pós-graduados nessas duas frentes. Entre as perspectivas conceituais, priorizamos: i) as noções de diálogo multi, inter e transdisciplinar e a valorização da pluralidade metodológica, ii) a preocupação específica com a diversidade religiosa, e iii) o caráter propositivo, prático e de inserção social inerente ao princípio pluralista.

Palavras-chave: Princípio pluralista. Teologia. Ciência da religião. Epistemologia.

Abstract: The research was developed considering the epistemological debate that has taken place in the context of the Religious Studies and the Theology in Brazil area, especially the relation between these two disciplines. The main objective of the analyzes was to identify the main aspects of this relationship and to observe it based on the pluralist principle. The assumption is that such a principle, given its conceptual basis from decolonial cultural studies, can give greater visibility to the creative power of the boundaries that exist between the two fronts at issue in this analysis and can facilitate the reflections of both as an articulating element of the research, especially those motivated by the realities, thematic and situations forged by the “border location of cultures” and by border

* Em relação à nomenclatura “Ciências da Religião” [ciência no plural, portanto] e suas variações: “Ciência da Religião [ciência no singular] e ainda “Ciências das religiões [ambas no plural], desejamos realçar três aspectos importantes em nossa análise: i) a noção de princípio pluralista, central nesta pesquisa, foi forjada e tem sido desenvolvida em Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião [ciências no plural, no caso], cujas perspectivas mantêm certa sintonia com as reflexões teológicas latino-americanas e com a concepção de Estudos de Religião (*Religious Studies*), mais próximos da Academia Americana de Religião (AAR), ii) A Capes também utiliza a expressão no plural “Ciências da Religião e Teologia” para designar a Área de avaliação; portanto, quando nos referirmos à Área, utilizaremos a expressão no plural, iii) há programas no Brasil que usam outras variações (como “Ciências das Religiões”, por exemplo), por isso, ao nos referirmos aos Programas, utilizaremos a expressão: “e suas variações”. Nos casos gerais, a expressão “Ciência da Religião” [ciência no singular] é utilizada ao longo deste trabalho para manter certa coerência com o canal de divulgação desta pesquisa, a Revista REVER, editada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP. Como se sabe, o Programa recentemente (2015) alterou a sua nomenclatura original, Ciências da Religião, passando a assumir uma visão conceitual mais próxima da Escola Alemã da Ciência da Religião, sobretudo no tocante às definições epistemológicas.

** Doutor em Teologia (PUC-Rio). ORCID: 0000-0001-8660-4419 – Contato: cdeoliveiraribeiro@gmail.com.

experiences. The main methodological step of the research was the collating of the pluralistic principle with prominent aspects evidenced in Capes (Coordination for the Improvement of Higher Level Personnel), in its Document for Religious Studies and the Theology (2019) which monitors and evaluates the National System of Graduate Program. Particular attention was paid to the “tree of knowledge” and to the profiles of postgraduate graduates on these two fronts. Among the conceptual perspectives, we prioritize: i) the notions of multi, inter and transdisciplinary dialogue and the valorization of methodological plurality, ii) the specific concern with religious diversity, and iii) the propositive, practical and social insertion inherent in the principle pluralistic.

Keywords: Pluralistic principle. Theology. Religious studies. Epistemology.

Introdução

Ciências da Religião e Teologia é uma área nova no Sistema Nacional de Pós-Graduação brasileiro acompanhado e administrado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), do Ministério de Educação, mas os Programas de Pós-Graduação que atuam nestas duas frentes (ou “disciplinas”, como é mais recorrente) já ultrapassaram quatro décadas de atuação e possuem uma longa e densa contribuição de ensino e pesquisa nos âmbitos de mestrado e doutorado. Criada em 2016 a partir de um processo de autonomia e desmembramento da Teologia como subcomissão da Filosofia, a Área desenvolve pesquisas de perfil multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar. Nesse sentido, a nomenclatura Ciências da Religião e Teologia assegura o estudo sobre religiões e sobre teologia, considerando as epistemologias próprias, as teorias e métodos utilizados pelos dois grandes blocos de programas/cursos que compõem a área.

O debate epistemológico sobre cada uma dessas frentes e a relação fronteiriça entre elas é denso e tem ganhado destaque nos últimos anos. Dentre a produção oriunda desse debate há variados livros¹ e artigos científicos, aos quais recorreremos nesta análise, além de grupos de trabalho em curso, o que revela a atualidade do debate e o seu potencial

1 Destacamos o *Compêndio de Ciência da Religião*, organizado por João Décio Passos e Frank Usarski (2013). Nele, o texto que se detém e aprofunda a relação “Ciência da Religião e Teologia” é o de Faustino Teixeira. Em vários outros, a reflexão sobre esta relação aparece, sob diferentes perspectivas. Na parte relativa à “Ciência da Religião Aplicada” há a contribuição de Afonso Ligório Soares com “Ciência da Religião aplicada à Teologia” e a de Agenor Bighenti, “Ciência da Religião aplicada à ação pastoral”, este último voltado para as questões do cristianismo católico. Outro bloco de reflexões anteriores e em direção similar é a coleção “Repensando a religião”, das Edições Paulinas. Nela há um volume de Frank Usarski, *Constituintes da Ciência da Religião* (2006) e outro organizado por ele *O espectro disciplinar da Ciência da Religião* (2007) que apresentam questões epistemológicas fundamentais da Ciência da Religião, incluindo o debate em torno da relação dela com a Teologia. Nele se atem Afonso Maria Ligório Soares com “A teologia em diálogo com a ciência da religião” (2007). Uma versão sintética e em linguagem mais acessível desse mesmo texto pode ser encontrada em “Teologia e Ciência da Religião: diálogo possível” (2008).

para novas abordagens². Flávio Senra denomina esse processo de “religiografia”. Para o autor,

[...] religiografia é designativo da análise que se faz de si própria, a Ciência da Religião, ou suas variações plurais, enquanto escolhas de teorias, métodos e objetos. Para realizar essa tarefa, a religiografia fará o levantamento de fontes de investigação sobre religião realizadas por pesquisadores/as da área. O conhecido método de pesquisa sobre o estado da arte (aqui, necessariamente sobre religião e temas correlatos) lhe é muito apropriado. O levantamento e análise de dados secundários e perfil da produção científico-religiosa, ou quaisquer fontes da produção acadêmica em Ciência(s) da(s) Religião(ões), excluída a pesquisa imediata sobre as religiões, as crenças e/ou as experiências chamadas religiosas, podem caracterizar aquilo que pretendemos nomear como religiografia. Também seria possível compreender como religiografia a análise do perfil da produção religiosa-científica da área, estado da produção de conhecimento da área e seus desdobramentos (Senra, 2016, p. 121).

No entanto, observando o quadro geral e a dinâmica interna da Área, há, como em todo debate acadêmico, a presença de elementos subjetivos ou políticos que não contribuem para a substancialidade e o aprofundamento adequado das questões. Como eles, em geral, são apresentados de maneira informal e dispersa, sem um enfrentamento teórico-conceitual aberto, e não são preponderantes na Área, não serão considerados em nossa análise. No entanto, julgamos importante apenas listá-los nesta introdução. Entre outros aspectos, destacam-se: i) a desqualificação da reflexão teológica por parte de setores acadêmicos (da Ciência da Religião e/ou de outras áreas afins), fruto de resquícios positivistas; ii) disputas de poder entre as duas frentes em questão nesta análise, tendo em vista o protagonismo de uma ou de outra na organização de eventos, nomenclaturas de grupos, associações etc.; iii) movimentações espúrias de grupos religiosos associados aos governos, sobretudo a partir de 2018, para instrumentalização da Teologia a partir de interesses restritos de grupos religiosos. Quanto ao primeiro aspecto, Flávio Senra nos lembra de que

[...] tais questionamentos não apenas pairam no campo epistemológico. Velada ou abertamente, há quem pergunte ainda pelas razões pelas quais deve o Estado laico fomentar, com bolsas e incentivos, cursos de pós-graduação nessa área de Ciências da Religião e Teologia. Por isso, deve-se produzir, com a maior clareza possível, o perfil

2 Para isso, veja o artigo “Perspectiva interdisciplinar da teologia no Brasil: O debate epistemológico da Área de Ciências da Religião e Teologia” (2018), de Alex Villas Boas. O autor apresenta o desenvolvimento histórico da epistemologia teológica no Brasil, de acordo com as mudanças ocorridas nas condições da produção de conhecimento científico desde a modernidade, sobretudo, com o surgimento das Ciências da Religião. O texto mostra como se desenvolveu o perfil interdisciplinar da Teologia no Brasil, dentro do debate da Área de Ciências da Religião e Teologia, de uma “via cooperativa e de perspectiva compartilhada entre as duas áreas de conhecimento”. Neste sentido, trata-se de uma visão que se diferencia da linha de compreensão que rege o *Compêndio de Ciência da Religião*, acima citado. Alex Villas-Boas, em diálogo crítico com a obra *Constituintes da Ciência da Religião* (2006), de Frank Usarski, realça que embora haja um “histórico de interação interdisciplinar, não é um consenso no Brasil o modo de pensar a relação entre Ciências da Religião e Teologia, especialmente entre autores que mantêm a posição alemã [*Religionswissenschaft*] de uma afirmação da disciplina em negação à Teologia. [...] Tal postura, apesar de ser minoritária, também é importante para o debate, pois essa tensão dinamiza a tarefa do diálogo a aprofundar a pragmática da investigação e a calibragem interdisciplinar. A crítica da Escola Alemã da Ciência da Religião, além de ajudar a epistemologia própria a não se transformar em formas de ‘criptoteologia’, colabora para a tarefa sempre necessária de policiar a Teologia de ceder à tentativa de estabelecer sua fundamentação ‘meramente baseada na revelação divina’, o que blinda a religião de ser entendida também como produto humano e histórico, incorrendo em pretensas justificações como modelos de ‘organização hierárquica’, o ‘poder de sacerdotes sobre leigos’ ou ‘legitimação de regimes políticos’” (Villas-Boas, 2018, p. 274).

acadêmico no campo dos Estudos da Religião, difundi-lo e torná-lo acessível ao conjunto das áreas de conhecimento da academia brasileira (Senra, 2016, pp. 11-112).

Para além desse contexto de caráter mais subjetivista, cujos elementos não são embasados em discussões epistemológicas, há, como já referido, e com muito mais propriedade e aceitação, substanciais reflexões na Área Ciências da Religião e Teologia que possibilitam a distinção entre estas duas frentes³. Tais análises foram e são criadas, com boa capilaridade, pelos Programas de Pós-Graduação da Área, encontraram eco e permanecem vigentes nos fóruns criados pelas associações da Área, especialmente a ANPTECRE (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião)⁴, e possuem reconhecimento e uso nos órgãos de fomento à pesquisa, como o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), por exemplo, e na coordenação da Área, ligada à Diretoria de Avaliação da Capes. No tocante à Capes, ela assegura em seus documentos para os procedimentos gerais da Área “os princípios da laicidade do Estado e o rigor acadêmico na pesquisa sobre o objeto próprio que lhe compete investigar. A área não se confunde com abordagens de caráter não científico ou pseudocientífico para o estudo das religiões e da teologia. Tampouco reconhece, entre os seus Programas, abordagens de corte proselitista e fundamentalista, sendo estes critérios, entre outros, claramente definidos” (CAPES, Documento da Área de Ciências da Religião e Teologia, 2017).

De nossa parte, temos dado uma modesta contribuição no debate ao estabelecer para as pesquisas um princípio que não coloca Teologia e Ciência da Religião em planos de oposição epistemológica, e, ao mesmo tempo, as distingue como frentes de saber e valoriza as fronteiras destes dois campos de estudo. Trata-se do princípio pluralista. Nosso objetivo, nesta análise, é apresentá-lo e indicar as possibilidades que temos visto dele ser um elemento conceitual articulador dessas duas frentes, especialmente por dar visibilidade ao poder criativo das fronteiras que existem entre elas e por facilitar as reflexões de ambas as frentes, sobretudo as análises que se debruçam em situações forjadas pelos “entrelugares das culturas”.

3 Além dos textos já citados, lembramos ainda: *A(s) Ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica* (2001), que está na gênese deste debate epistemológico e foi organizado por Faustino Teixeira, especialmente os textos “Considerações sobre a Teologia entre os Estudos de Religião” (2001), de Eduardo Gross, e *Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil* (2001), de Antônio Gouvêa Mendonça. Lembramos também de “Tendência interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil: O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país” (2012), de Flávio Senra & Amauri Carlos Ferreira, “A teologia em programas de ciências da religião” (2006) e “Reformulação do programa de pós-graduação em ciências da religião da Universidade Metodista de São Paulo: aspectos históricos e epistemológicos” (2012), ambos de Etienne Higuier, e “Encruzilhada dos Estudos de Religião No Brasil” (2015), de Gilbráz Aragão. Além desses, há dossiês de revistas acadêmicas que trazem vários artigos sobre o tema: o da *Perspectiva Teologia* (2007): “Teologia e Ciências da Religião: duas epistemologias”, o da *Numen* (2012): “Ciência(s) da Religião(ões) no Brasil” e o da *Interações* (2018): “Teologia: epistemologias”.

4 Nos seis congressos científicos da ANPTECRE já realizados, independentemente de suas temáticas centrais, o debate epistemológico esteve sempre presente, assim como as reflexões sobre a relação entre Teologia e Ciência da Religião. Os dois primeiros congressos (São Paulo, 2008, e Belo Horizonte, 2009) deram especial atenção a esse debate. Os resultados podem ser encontrados na obra *Teologia e Ciências da Religião: A caminho da maioridade acadêmica no Brasil* (2011), organizada por Eduardo Cruz e Geraldo de Mori. Veja também: *Para onde vão os estudos da religião no Brasil?* (2014), organizado por Gilbráz Aragão, Newton Cabral e Edênio Valle, que trazem as contribuições do terceiro e do quarto congresso (São Paulo, 2011, e Recife, 2013) e *Religião, direitos humanos e laicidade* (2015), organizada por Sérgio Junqueira e Luis Alexandre Rossi, com as principais conferências do quinto congresso (Curitiba, 2015).

Em boa medida, tal concepção se aproxima à de outras avaliações acerca do debate epistemológico em questão. Alex Villas-Boas, por exemplo, em recente análise, realça que

[...] uma das tarefas que vai se apresentando dessa interação é a necessidade de mapear os distintos modelos epistemológicos da teologia, a fim de melhor identificar as possíveis cooperações de trabalho investigativo e de perspectivas compartilhadas entre os respectivos modelos epistemológicos das Ciências da Religião e Teologia, e os diversos sujeitos epistêmicos de ambas, a fim de avançar para um trabalho em rede e multidisciplinar, que melhor atenda às características multifatoriais dos fenômenos e fatos religiosos contemporâneos. O mapeamento de modelos epistemológicos permite também clarear casos de incompatibilidade entre teologia (apologético, proselitista...) e ciências da religião, sem cair na tentação de uma perspectiva reducionista e generalista de cada área de conhecimento (Villas-Boas, 2018, p. 280).

Em direção similar, Marcelo Camurça, a partir de variados autores franceses, mostra que

[...] outra situação mais complexa se divisa entre Teologia e Ciências da Religião na atualidade [...] e aponta para uma cooperação interativa, sem concorrência, sem hierarquização entre, de um lado, a Teologia e, de outro, a Sociologia, História e Psicologia que se debruçam sobre a religião. Tudo isto numa perspectiva de coexistência no comparativismo e na pluridisciplinaridade [...] Penso que as questões colocadas pela (alta, ultra, pós) modernidade repercutem diretamente no campo das Ciências da Religião, quais sejam: a globalização, a fragmentação, a desregulação das instituições – inclusive as religiosas – o hibridismo contemporâneo que relativiza territórios e identidades demarcadas, outrora repartidas no caso das tradições religiosas em ocidentais (tronco judeu-cristão), orientais, africanismos animistas, hoje culturas híbridas das diásporas e “ocidentalizações do oriente” Dentro deste mesmo quadro, o advento do pluralismo com a emergência e visibilidade de diversificados atores e temas, como as questões de gênero, da sexualidade, da ecologia, da informática e da mídia, que também atravessam o universo das religiões (Camurça, 2011, pp. 19-20).

E ainda, a visão de Gilbráz Aragão, que defende perspectivas interdisciplinares para os estudos de religião, especialmente por considerar que

[...] a tensão entre as ciências da religião e as teologias mostra-se academicamente salutar no Brasil (diferentemente do que ocorreu em outros lugares, como na Alemanha do século XIX), pois os teólogos reconhecem que, sem as ciências da religião, sua reflexão encerra-se muitas vezes em mundos eclesiais herméticos e fundamentalistas ou ideológicos; enquanto os cientistas da religião, sem o acesso à fé que busca se compreender nas teologias de cada tradição religiosa ou espiritual, entendem que podem resvalar em exercícios arrogantes e desumanos das ciências modernas sobre a área humana, por sua objetivação asséptica que busca apenas explicar fenômenos – ao invés de também salvá-los, de vez que deles somos parte envolvida e interessada (Aragão, 2015, p. 321)

Flávio Senra, ao analisar as contribuições advindas dos primeiros congressos científicos da ANPTECRE, procura evidenciar

[...] que os estudos da religião no Brasil procuram buscar complementariedades entre as abordagens da Teologia e das Ciência(s) da(s) Religião(ões), seja através do objeto comum, a religião, uma tradição específica, uma fé; seja através dos métodos e teorias próprias e específicas, utilizadas por teólogos/as, religiólogos/ as e cientistas da religião (Senra, 2016, pp. 128-129).

Metodologicamente, nossa pesquisa se estruturou no cotejamento do princípio pluralista com aspectos importantes da relação entre Teologia e Ciência da Religião,

sobretudo alguns deles que estão evidenciados no Documento da Área formulado pela Capes, como a “árvore do conhecimento” e os perfis dos egressos pós-graduados nestas frentes.

Para isso, em um primeiro momento, apresentaremos, em síntese, as bases conceituais do princípio pluralista. Em seguida, uma descrição, igualmente sucinta, da árvore do conhecimento e dos perfis dos egressos pós-graduados/as em Ciências da Religião (e suas variações de nomenclatura) e Teologia, procurando articulá-los com o princípio pluralista. Esse esforço visa realçar o caráter pluralista da Área e oferecer elementos que cooperem com as reflexões no campo da epistemologia sobre a relação entre as duas frentes em questão. Ao fazer esse percurso, intentamos mostrar as linhas de pesquisa da Área que destacam dimensões plurais, privilegiando a produção acadêmica de docentes dos cursos de Pós-Graduação da Área. Há muitas pesquisas sobre religião em Programas de Pós-Graduação de outras áreas e em espaços eclesiais e ecumênicos, mas não serão destacados nesta análise. Ao mesmo tempo, na medida do possível, serão indicados também desafios conceituais, práticos e lacunas no campo da pesquisa que surgem com este referido cotejamento.

O princípio pluralista

Como linha condutora das reflexões aqui propostas está o princípio pluralista. Ele é um instrumento hermenêutico de mediação teológica e analítica da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade à experiências, grupos e posicionamentos que são gerados nos “entre-lugares”, bordas e fronteiras das culturas e das esferas de institucionalidades. Ele possibilita divergências e convergências novas, outros pontos de vista, perspectivas críticas e autocríticas para diálogo, empoderamento de grupos e de visões subalternas e formas de alteridade e de inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder presentes na sociedade (Ribeiro, 2017a).

Nossa pressuposição é de que o princípio pluralista, formulado a partir de lógicas ecumênicas e de alteridade, possibilita melhor compreensão da diversidade do quadro religioso e também das ações humanas. Não se trata apenas de uma indicação ética ou “catequética”. Com ele, as análises tornam-se mais consistentes, uma vez que possibilitam melhor identificação do “outro”, não idealizado, mas concretamente identificado, especialmente as pessoas e grupos que são invisibilizados dentro da visão sociológica que Boaventura de Souza Santos (2010a) (2010b) chamou de “sociologia das ausências”.

A sensibilidade com as distintas expressões culturais ou religiosas, majoritárias ou minoritárias, fronteiriças ou não, contribui para uma “sociologia das emergências” de novos rostos, variados perfis religiosos, multiplicidades de olhares, perspectivas e formas plurais de atuação. Com essa perspectiva “policromática”, os esforços de análise do presente ou os de identificar os futuros das religiões poderiam encontrar maior êxito.

Seguimos a concepção de entre-lugar, como trabalho fronteiro da cultura, conforme nos indica Homi Bhabha (2001), que requer um encontro com “o novo” que não seja mera reprodução ou continuidade de passado e presente. Para as nossas reflexões, especialmente no que comumente nos referimos à necessidade de alargamento

de horizontes metodológicos para os estudos de religião, consideramos que o “local da cultura” [para usar o sugestivo título da obra] é fundamental no processo que advogamos de estabelecer mediações socioanalíticas para as interpretações teológicas e, também, para as análises científicas da religião em geral. O conceito entre-lugar está relacionado à visão e ao modo como grupos subalternos se posicionam frente ao poder e como realizam estratégias de empoderamento. Tais posicionamentos geram entre-lugares em que aparecem com maior nitidez questões de âmbito comunitário, social e político. A posição de fronteira permite maior visibilidade das estruturas de poder e de saber, o que pode ajudar na apreensão das subjetividades de povos subalternos.

Aqui seguimos a perspectiva dos estudos culturais, que, em solo latino-americano, ganhou, a partir dos estudos, sobretudo do peruano Anibal Quijano e dos argentinos Enrique Dussel e Walter Mignollo, um novo conteúdo crítico. Trata-se da perspectiva ou giro decolonial. Tais expressões, que se distinguem do “pós-colonial” ou do “descolonial”, possuem um sentido estratégico que revela interpelações políticas e epistemológicas de reconstrução de culturas, instituições e relações sociais. Tais interpelações críticas são marcadas por certo caráter propositivo e prático e por ações concretas no âmbito cultural e político. O “decolonial” indica uma desobediência epistemológica sem a qual “não será possível o desencadeamento epistêmico e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases” (Mignolo, 2008, p. 288). A tarefa decolonial consiste em construir a vida a partir de outras categorias que estão para além dos pensamentos ocidentais dominadores. Trata-se de uma postura e de atitudes permanentes de transgressão e intervenção no campo político e cultural, na incidência das culturas subalternizadas e invisibilizadas, nas quais se pode identificar, visibilizar e incentivar lugares de exterioridade e de construções críticas alternativas e plurais. “O paradigma decolonial luta por fomentar a divulgação de outra interpretação que põe em evidência uma visão silenciada dos acontecimentos” e, ao mesmo tempo, revela “os limites de uma ideologia imperial que se apresenta como a verdadeira e única interpretação” (Mignolo, 2007, p. 457).

A formulação do princípio pluralista se deu em variados ambientes acadêmicos, mas encontrou solo fértil no Grupo de Trabalho (GT) “Espiritualidades contemporâneas, pluralidade religiosa e diálogo”. Em linhas gerais, o GT se orienta da seguinte forma: Diante do contexto culturalmente plural em que nos encontramos e que desafia as tradições religiosas, acreditamos estar frente a uma grande oportunidade para o diálogo entre as diversas religiões. Sem renegar ou desconhecer o que há de único e irrevogável em cada religião, trata-se de perceber, no convívio com a diversidade, o que é essencial em cada tradição e, portanto, de manifestar um dinamismo espiritual que está entre e para além das religiões. Incluem-se nessa espiritualidade aquelas expressões laicas e sem deus e o diálogo inter-religioso que elas todas proporcionam faz repensar o compromisso ético das religiões para com a paz mundial. O GT está aberto ao debate de pesquisas sobre a aplicação da espiritualidade no cotidiano; aos estágios do desenvolvimento da experiência espiritual e a função da meditação, bem como sobre os desvios do comportamento supersticioso e do misticismo. Estuda a pluralidade religiosa atual e tendências de diálogo na contemporaneidade. Esperamos, com tais discussões,

propor respostas para aqueles que negam qualquer validade da religião na sociedade contemporânea e, talvez, o caminho para uma nova compreensão da religiosidade, que se contraponha ao flagrante fundamentalismo religioso de nossos dias. Pretendemos subsidiar, teoricamente, as práticas de diálogo inter-religioso que vêm sendo ensaiadas com apoio dos Programas de Ciências da Religião e Teologia no Brasil, no sentido de verificar a plausibilidade de uma mística comum e transreligiosa para o nosso tempo de transformações axiais.

Nossas reflexões fazem um percurso que vai da dimensão transdisciplinar à perspectiva transreligiosa. A formulação do princípio pluralista bebeu das fontes deste caminho.

A transdisciplinaridade engendra, pois, uma atitude *trans*-cultural e *trans*-religiosa. A atitude *trans*-cultural designa a abertura de todas as culturas para aquilo que as atravessa e ultrapassa, indicando que nenhuma cultura se constitui em um lugar privilegiado a partir do qual podemos julgar universalmente as outras culturas, como nenhuma religião pode ser a única verdadeira e universal (Aragão, 2008, pp. 142-143).

A lógica de um princípio pluralista está presente em diferentes autores e autoras, mas, a expressão princípio pluralista tem um caráter inédito em nossas pesquisas. É fato que a nomenclatura, especialmente por sua sonoridade e constituição, nos remete à ideia do pluralismo de princípio, como nos indicaram Claude Geffré (2004), Jaques Dupuis (1999) e outros autores. Para eles, além do pluralismo religioso de fato, como uma das marcas da realidade social, o pluralismo de princípio seria uma plataforma teológica que reconhece e valoriza a realidade do pluralismo religioso como vontade e automanifestação divinas, para que a ultimidade se revele por meio da diversidade de culturas e religiões.

O princípio pluralista, que formulamos, contempla tal perspectiva ecumênica, valorativa do diálogo e das aproximações inter-religiosas, mas é mais amplo, uma vez que também se constitui em instrumento de avaliação da realidade social e cultural, sobretudo para melhor compreensão das diferenças, religiosas ou não, que se forjam nos entre-lugares das culturas (Ribeiro, 2017b) .

Os estudos de religião e o princípio pluralista

Do material contido sinteticamente no Documento da Área Ciências da Religião e Teologia, da Capes (2019), que reflete a relação entre essas duas frentes, destacaremos nesta análise os perfis dos egressos. Como se sabe, o documento é uma referência institucional de importância, mas ele foi construído coletivamente a partir de diversos diálogos, fóruns e debates que envolveram amplos setores da Área. Nossa intenção é evidenciar aspectos do princípio pluralista nele presentes. Para isso, cotejaremos as principais perspectivas conceituais desse princípio com a caracterização do/a pós-graduado/a nas duas frentes em questão nesta análise, descritas no Documento de Área. Entre tais perspectivas conceituais, recorreremos metodologicamente a três delas: i) as noções de diálogo multi, inter e transdisciplinar e a valorização da pluralidade metodológica; ii) a preocupação específica com a diversidade religiosa; e iii) o caráter propositivo, prático e de inserção social inerente ao princípio pluralista.

A área Ciências da Religião e Teologia se organiza atualmente em oito subáreas. Essa divisão procura atender a dimensão de interdisciplinaridade que marca o “estado da arte” e as pesquisas na Área, sendo que cada uma das subáreas não corresponde diretamente à uma ou à outra das duas frentes em questão, o que reforça a visão multidisciplinar. Elas podem e devem atender a demanda de análises advinda tanto do campo teológico quanto do da Ciência da Religião⁵.

É fato que há tendências distintas nas duas frentes. Nas pesquisas teológicas, não obstante o caráter de diálogo com outras ciências e culturas, há a tendência em se destacar o elemento hermenêutico a partir de perspectivas internas e linguagens próprias de tradições específicas, explicitamente religiosas ou não. No campo da Ciência da Religião, o caráter descritivo, que possibilita a análise dos fenômenos em uma perspectiva externa e com investigações de natureza qualitativa e quantitativa, está mais presente. No entanto, “na realidade, olhar externo e olhar interno, dimensão explicativa e dimensão compreensiva ou hermenêutica se completam, em todas as análises da religião, em proporções variáveis” (Higuet, 2006, p. 39). Ou, ainda:

A Área de Ciências da Religião e Teologia pode realizar uma hermenêutica diatópica do mesmo fenômeno religioso, ou seja, um exercício de interpretação através de seus lugares de fala [dia-tópos], mas com uma disposição interdisciplinar, em que cada um ajuda a identificar melhor os respectivos pontos cegos de percepção, que inevitavelmente existem em cada lugar de observação. Ademais, as epistemologias do sul vão se configurando como um campo que tende a se estabelecer em uma via de perspectiva compartilhada entre as duas áreas de conhecimento, Ciências da Religião e Teologia (Villas-Boas, 2018, p. 274).

O que estamos realçando é que os “ramos” (subáreas) da “árvore do conhecimento” da Área possuem abrangência suficiente para abrigar pesquisas e análises tanto no campo teológico quanto no da Ciência da Religião.

Um exemplo disso, é a diversidade e a conexidade dos temas correlatos às subáreas, conforme demonstra o quadro abaixo:

1. CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA: Religião e espaço público, política, ética, saúde, ecologia, culturas; temas associados à diversidade, respeito e tolerância; diálogo inter-religioso; educação e religião.
2. CIÊNCIAS DA LINGUAGEM RELIGIOSA: Métodos e fontes para o estudo das religiões, espiritualidades ou tradições de sabedoria, de suas línguas naturais, de seu vocabulário e gramática; relações entre linguagem religiosa, linguagem artístico-literária e linguagem em geral.
3. CIÊNCIAS EMPÍRICAS DA RELIGIÃO: Fenômenos religiosos, espiritualidades, tradições de sabedoria ou filosofias de vida no “campo”; disciplinas “... da religião”,

5 Para um panorama dos processos que levaram a constituição e implementação da “árvore do conhecimento” da Área Ciências da Religião e Teologia, veja o artigo “Estudos de Ciência(s) da(s) Religião(ões) e Teologia no Brasil: Situação atual e perspectivas”, de Flávio Senra (2015). Outra análise contendo dados do quadro dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Teologia está em “O estado atual dos programas de Teologia e Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil – 2013-2014: aproximações”, do mesmo autor (2016).

em diálogo com teorias e métodos de outras ciências constituídas: Sociologia..., Antropologia..., Psicologia..., História..., Geografia..., Fenomenologia... – em sentido descritivo.

4. EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: Reflexão teórico-metodológica ou metateórica; abordagens filosóficas sobre o conceito/definição de religião ou sua negação; psicologia da religião e fenomenologia da religião – em sentido sistemático.

5. HISTÓRIA DAS TEOLOGIAS E RELIGIÕES: Estudo histórico de ideias e doutrinas religiosas/espiritualidades/tradições de sabedoria (história intelectual), de sua(s) expressão(ões) ou arraigamento sociocultural.

6. TEOLOGIA FUNDAMENTAL-SISTEMÁTICA: Fundamentação da teologia e seu desenvolvimento coerente (sistemático); exposição do dogma (aspecto querigmático); defesa ou clarificação atualizada das doutrinas religiosas/espiritualidades/tradições de sabedoria específicas à tradição (aspecto apologético); teologia política, teologia filosófica; filosofia da religião.

7. TEOLOGIA PRÁTICA: Psicologia pastoral; ecoteologia, fé e política, homilética e educação na respectiva tradição.

8. TRADIÇÕES E ESCRITURAS SAGRADAS Escrituras sagradas e relatos da tradição oral das diversas tradições religiosas/espiritualidades /tradições de sabedoria.

Fonte: CAPES, Documento da área Ciências da Religião e Teologia, 2019.

A seguir, apresentaremos as descrições do perfil do egresso das duas frentes em questão em nossa análise. Consideramos que, ao apresentá-los, além de cumprir nosso objetivo com o referido cotejamento entre as perspectivas conceituais do princípio pluralista e o Documento de Área, a própria leitura dos dois perfis, por si mesma, poderá evidenciar também as diferenças e as aproximações das duas frentes que estamos tratando. Metodologicamente, identificamos as expressões que caracterizam a presença do princípio pluralista no Documento. Elas estão grifadas para facilitar a leitura e a compreensão.

O perfil do egresso pós-graduado/a em Teologia

Primeiramente, vejamos o trecho do Documento de Área que se refere ao perfil do egresso pós-graduado/a em Teologia:

O/A pós-graduando/a em Teologia pesquisa criticamente a inteligência da fé, os conteúdos, as doutrinas, as tradições, os textos reconhecidos como sagrados, as linguagens de tradições específicas, assim como as experiências que o ser humano desenvolve com o que reconhece e professa como sagrado e outras práticas socioculturais, a partir da perspectiva interna e em diálogo com as demais ciências, com outras culturas, tradições e religiões, considerada a diversidade de abordagens teórico-metodológicas de escolas e campos de estudos teológicos. A área não apenas reconhece como também propõe e fomenta o debate plural no campo teológico, sendo possível a utilização do termo teologias para se considerar os discursos atinentes às distintas escolas e diferentes tradições religiosas. O perfil do egresso de cursos de pós-graduação em Teologia deve considerar a formação de habilidades para que o concluinte seja capaz de: a) contribuir para o aprofundamento e expansão da reflexão teológica em geral, bem como na interpretação de textos e

linguagens da experiência religiosa de uma tradição; b) desenvolver cientificamente uma investigação sobre a experiência de fé de um determinado grupo; c) assessorar e formar especialistas e não especialistas de uma dada tradição espiritual; d) contribuir para a tradução dos conteúdos teológicos, culturais, morais e religiosos dessa tradição para sua cultura, seu tempo e o espaço público; e) *desenvolver uma teologia da práxis*. Seu trabalho orientar-se-á pela caracterização simbólica dos conteúdos religiosos, a partir da análise, estudo e interpretação dos elementos próprios de visões religiosas, assim como pelo desvelamento dos elementos racionais presentes em narrativas míticas e em outras formas de expressão religiosa, tornando-se possibilidade para emissão de um discurso em diálogo com o mundo. O/A pós-graduado/a em Teologia deve estar preparado/a para atuar como pesquisador/a, como docente e como analista dos saberes e habilidades acima descritos, atuar na formação de docentes para a educação básica e/ou de nível superior, além de ser capaz de atuar como profissional especializado, consultor/a, assessor/a e/ou mediador/a em questões relacionadas à religião de que é especialista no espaço público (CAPES, Documento da Área de Ciências da Religião e Teologia, 2019, p. 4-5).

Realçemos, portanto, aspectos deste fragmento que possuem conexão direta com o princípio pluralista. O Documento é explícito ao afirmar que “a área não apenas reconhece como também propõe e fomenta o debate plural no campo teológico”. Aí se evidencia uma forte incidência da dimensão de pluralidade e diversidade. Além disso, outro elemento presente é a noção de diálogo multi, inter e transdisciplinar e a valorização da pluralidade metodológica. Tal perspectiva se evidencia nas referências que o Documento faz ao “recurso a quaisquer outros saberes colaborativos” para se pensar e pesquisar a fé, nas dimensões de racionalidade nela presentes, assim como os conteúdos, as doutrinas, as tradições, os textos e as linguagens de experiências reconhecidas como sagradas, sejam explícita ou formalmente religiosas ou não⁶. Ou seja, a Teologia, mesmo sendo gestada a partir de referenciais “internos” de uma tradição específica, para possuir legitimidade acadêmica e reconhecimento social, não poderá ser um conhecimento hermético, construído sob bases unívocas, não dialógicas e sem conexão com fontes das ciências e das culturas.

O debate acerca deste ponto é denso, amplo e complexo, sobretudo porque abarca, ao menos, dois tipos de saberes. Os primeiros são os que já, em certo sentido, estão acolhidos pelos setores acadêmicos, tanto no campo das humanidades (como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a economia, o direito, a comunicação e linguagem, a psicologia, entre outros), quanto no campo das ciências chamadas exatas e tecnológicas e da vida (agrárias, biológicas e saúde). Nas relações entre Teologia e cada um desses saberes há uma longa e rica trajetória de debates, com inumeráveis autores e autoras e com avanços significativos no campo conceitual.

Há, no entanto, um segundo conjunto de saberes que, historicamente, estiveram à margem dos processos de reconhecimento acadêmico. Trata-se dos saberes oriundos de grupos populares, de religiões subalternas e de setores que sobrevivem à margem das estruturas sociais que, em geral, possuem características narrativas, holísticas,

⁶ O sagrado não religioso é visto em diferentes aspectos. Dentro do campo dos estudos teológicos no Brasil, dois deles se destacam. O primeiro são os estudos da relação entre Teologia e Economia, sobretudo a tese do capitalismo como religião já indicada décadas atrás por Walter Benjamin e Paul Tillich. Um segundo bloco são os estudos da relação entre Teologia e Literatura.

míticas e poéticas. Para situar o referido conjunto de saberes e como eles estão (ou não estão) presentes nas pesquisas teológicas, é possível agregar vários polos de reflexões, todos desafiadores. Como exemplo, vamos nos referir apenas a três deles. O primeiro são os trabalhos que articulam as “linguagens da religião”, com forte confluência dos estudos de Teologia e de Ciências da Religião [aqui, no plural], e que desencadearam a concepção da subárea “Ciências da linguagem religiosa”, na árvore do conhecimento já vista⁷. Um segundo bloco, versa sobre mística⁸ e um terceiro o campo da sexualidade. No âmbito dos estudos de Pós-Graduação em Teologia [mas, também em Ciência da Religião] este último é um enorme desafio teórico⁹. Seu equacionamento não é apenas uma questão de maior ou menor produção ou de se consolidar aspectos inovadores. Trata-se, sobretudo, de construir relações políticas que gerem empoderamento de grupos, em especial no tocante a experiências, visões e conceituações advindas de grupos de negros, de mulheres e de homossexuais.

A pluralidade metodológica, além deste elemento *ad extra*, que é o diálogo com outros saberes, requer também uma interação *ad intra*. Ou seja, possibilitar que diferentes concepções e escolas teológicas, de variadas épocas e contextos sociais, uma vez postas em diálogo crítico e criativo, ofereçam maior substancialidade ao debate e à compreensão dos temas e questões em foco. É o que o Documento enfatiza ao afirmar que as pesquisas no campo teológico devem considerar a “diversidade de abordagens teórico-metodológicas de escolas e campos de estudos teológicos”.

Uma segunda perspectiva própria do princípio pluralista, à qual recorreremos nesta análise, é a preocupação com a diversidade religiosa. O Documento explicita essa visão ao afirmar que “os textos, as linguagens de tradições específicas” são objeto das pesquisas teológicas. Consideramos tal indicação extremamente significativa, uma vez que oferece uma amplitude às pesquisas teológicas, não as tornando reféns de amarras de um confessionalismo cristão e eclesial. Reconhecemos que, no Brasil, há fatores que não favorecem essa abertura, uma vez que os Programas de Pós-Graduação em Teologia têm a origem em instituições e universidades confessionais, tanto de tradição católica quanto protestantes. Isto não significa dizer que a confessionalidade das instituições de ensino que abrigam os Programas de Pós-Graduação em Teologia necessariamente limita a pesquisa teológica cujos objetos sejam textos, experiências e tradições não cristãs. O que nos parece visível é que o desenvolvimento histórico

7 Há uma sequência de trabalhos organizados por Paulo Augusto Nogueira que fundamentam essa perspectiva. São eles *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais* (2012), *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares* (2015). Além dessas obras, mas em conexão com elas, está o Dossiê de artigos acadêmicos da revista *Horizonte* “Teorias de linguagem e estudos de religião”, organizado por Etienne Alfred Higuier (2018). A maior parte destas pesquisas se articula no GT “Religião como texto: linguagens e produção de sentido”, da Anpctecre. Note que se trata de produções acadêmicas feitas no contexto de Programas de Ciências da Religião e não de Teologia, o que reforça a aproximação e as fronteiras epistemológicas entre essas duas frentes.

8 Sobre mística, há um conjunto de trabalhos organizados por Faustino Teixeira (2004) (2006) (2012), no contexto de um Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião e não de Teologia, o que, mais uma vez, vimos como um reforço da aproximação e da conexão destas duas frentes.

9 No tocante a pesquisas teológicas, destacamos na Área os trabalhos de André Muskoff (2012) (2015) e outros mais recentes.

delas não forjou ampla abertura ecumênica para contemplar adequadamente nas pesquisas a valorização das tradições religiosas não cristãs. Trata-se de grande desafio pela frente¹⁰.

No entanto, o princípio pluralista é concebido como instrumento de melhor compreensão da diversidade religiosa e pode ser útil no enfrentamento conceitual do referido desafio. O Documento de Área também faz indicação similar, ao afirmar ser “possível a utilização do termo teologias para se considerar os discursos atinentes às distintas escolas e diferentes tradições religiosas”.

Em terceiro lugar, ressaltamos o caráter propositivo, prático e de inserção social inerente ao princípio pluralista. No Documento, tal perspectiva se encontra explícita no elenco de habilidades do egresso pós-graduado para que seja “capaz de desenvolver uma teologia da práxis”. Tal visão possui um longo histórico que remonta as décadas de 1960 e 70, envolvendo setores eclesiais e acadêmicos. Ela está associada, direta e indiretamente, às bases da Teologia Latino-Americana da Libertação.

Alex Villas-Boas nos chama a atenção para o seguinte fato:

Face ao desenrolar do desafio epistemológico da complexidade que, progressivamente, exige uma consciência analítica multifatorial, o debate epistemológico da Área de Ciências da Religião e Teologia assume características de uma ‘tendência interdisciplinar’ nos Estudos de Religião no Brasil, acompanhando, assim, a mudança de cultura acadêmica de pensar a interdisciplinaridade como ‘nova etapa do conhecimento’ e nova metodologia do ‘trabalho científico contemporâneo’” (Villas-Boas, 2018, p. 278).

Está diante da teologia latino-americana a tarefa de aprofundar os seus esforços, mesmo com as suas limitações e ambiguidades, e, guiada pelo princípio pluralista, refletir sobre as demandas que a sociedade apresenta e que recaem sobre o quadro de pluralismo, seja o que está em torno das questões do método teológico, do quadro religioso plural ou de questões de natureza antropológica. Essas últimas podem ser exemplificadas na capacidade de alteridade ecumênica, nas formas autênticas de espiritualidades integradoras, inclusivas e ecológicas, e no valor da corporeidade e da sexualidade na reflexão teológica e nas ações concretas de afirmação da vida (Ribeiro, 2016).

Em alguns ambientes, nesta mesma perspectiva, tem se privilegiado a expressão “teologia pública”. Para Rudolf von Sinner (2012, p. 20) trata-se de “algo que serve para uma reflexão apurada sobre o papel da religião no mundo contemporâneo, na política, na sociedade, na academia, como reflexão construtiva, crítica e autocrítica das próprias igrejas, comunicando-se com outros saberes e com o mundo real”. Nessa direção, Faustino Teixeira mostra que em várias partes do globo e também no Brasil

10 Os limites de nossa pesquisa não permitiram um levantamento detalhado de teses e publicações docentes realizadas em Programas de Pós-Graduação em Teologia, cujos objetos de pesquisa fossem religiões não cristãs. Chegamos à um levantamento de pesquisas sobre diálogo inter-religioso, o que é saudável considerando o enfoque que ora abordamos. Neste sentido, há várias contribuições, entre as quais destacamos: *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré* (2007), de Roberlei Panasiewicz, *Pluralismo e Libertação* (2014), de Cláudio Ribeiro, e *Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã* (2016), de Elias Wolff. Todavia, não se trata de teologias não cristãs e, sim, de teologias cristãs do pluralismo religioso. No entanto, fora do quadro docente dos Programas de Pós-Graduação nas duas frentes há produção nesta direção, especialmente os trabalhos de João Luiz Carneiro: *Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica* (2014) e *Os Orixás nas Umbandas* (2017).

há novos espaços teológicos nas universidades, com “propriedade científica”, inovação metodológica e perspectivas interdisciplinares. Isto requer liberdade institucional em relação às igrejas. Estas

[...] novas e provocadoras reflexões de uma Teologia Pública reconfiguram o complexo debate envolvendo a Ciência da Religião e a Teologia. Resistências quanto à presença da Teologia no âmbito da universidade, entendida como disciplina acadêmica, começam a se arrefecer, tendo em vista novos delineamentos proporcionados pela reflexão teológica (Teixeira, 2013, p. 175).

Em outra abordagem no debate epistemológico, Luiz Carlos Susin indica dois extremos reducionistas: a Teologia ser reduzida à Ciência da Religião ou confinar-se a uma linguagem fundamentalista da fé. Neste sentido, o autor defende

[...] que a interlocução em sociedades pluralistas, nos espaços públicos e com responsabilidade social em termos de experiências religiosas, dá à Teologia o equilíbrio tanto do trabalho acadêmico, científico, como também da profissão de fé no interior de uma comunidade religiosa em convivência pacífica e criativa com outras formas de expressão religiosa na mesma sociedade (Susin, 2008, p. 76).

Em tais análises, como visto, há bases bastante próximas do princípio pluralista.

O perfil do egresso pós-graduado/a em Ciências da Religião (e suas variações)

Apresentemos agora a caracterização do/a pós-graduado/a em Ciências da Religião (e as suas variações):

O/A pós-graduando/a em Ciência(s) da(s) Religião(ões) pesquisa o fato religioso, a experiência religiosa, *os fenômenos, as experiências, os conteúdos, as expressões, os textos reconhecidos como sagrados, as tradições e narrativas orais, as linguagens, as culturas religiosas e as tradições de sabedoria*, considerados em perspectivas externas, de perfil não normativo, *em diálogo com outros saberes acadêmico-científicos*, com ênfase em investigações de natureza qualitativa e quantitativa, podendo também ser de natureza teórica ou aplicada, a partir de abordagens teórico-metodológicas próprias das escolas que constituem o campo de estudos da(s) religião(ões), suas subáreas e disciplinas auxiliares. O perfil do egresso de cursos de pós-graduação em Ciência (s) da (s) Religião (ões) deve considerar a formação de habilidades para que o/a concluinte seja capaz de, enquanto pesquisador/a e/ou docente, analisar o fato religioso, os fenômenos religiosos e/ou as linguagens religiosas, desenvolvendo aproximações históricas e comparativas, sistemáticas e hermenêuticas das práticas e experiências religiosas humanas e das suas instituições sociais. O/A pós-graduado/a em Ciência (s) da (s) Religião (ões) deve estar preparado para atuar como pesquisador/a, como docente e/ou como analista dos *saberes e conhecimentos sobre/das práticas religiosas de uma ou de várias tradições*, atuar na formação de docentes para a educação básica e/ou de nível superior, além de ser capaz de atuar como *profissional especializado, consultor/a, assessor/a e/ou mediador/a em questões relacionadas à religião no espaço público* (CAPES, Documento da Área de Ciências da Religião e Teologia, 2019, p. 4).

Da mesma forma que fizemos até o momento com o fragmento relativo ao perfil do egresso pós-graduado em Teologia, iremos realçar aspectos do de Ciências da Religião (e variações) que possuem conexão com o princípio pluralista.

O Documento expressa forte incidência das dimensões de pluralidade e de diversidade, especialmente por indicar que o egresso pesquisa “os fenômenos, as experiências, os conteúdos, as expressões, os textos, as tradições, as linguagens, as culturas religiosas e as tradições de sabedoria...”. No tocante às noções de diálogo multi, inter e transdisciplinar e a valorização da pluralidade metodológica, o Documento explicita que as pesquisas são feitas “em diálogo com outros saberes acadêmico-científicos”. Tal perspectiva não é tarefa fácil, uma vez que esforços multi, inter ou transdisciplinares, caso não sejam engendrados com propriedade e aprofundamento teórico nas diferentes áreas envolvidas, podem se tornar superficiais e sem identidade epistemológica própria. No entanto, há avanços significativos dessa visão dialógica no contexto dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião (e variações) que se evidenciam na estruturação curricular deles, nas ementas de suas áreas de concentração e de linhas de pesquisa. Uma pesquisa específica sobre essas evidências, que escape dos limites de nossas análises neste momento, ofereceria boa contribuição para o debate em questão¹¹.

Para Alex Villas-Boas, a ideia de um “claro perfil interdisciplinar” que o Documento de Área destaca

[...] se respalda no histórico de interação positiva com correntes teológicas e eclesiais da Teologia da Libertação [...] um caminho distinto do debate europeu desde o século XVIII. Houve uma grande interação multidisciplinar, com grande interesse da teologia latino-americana em incorporar outras ciências para compreender o fenômeno religioso, assim como a religião passa a ser pensada em seu papel social, pelas ciências sociais, e seu papel nos processos de subjetivação e cooperação terapêutica, pela psicologia da religião, questões que são de interesse de teólogos e teólogas, seja de pesquisa, seja de incorporação nos currículos de teologia. Havia uma mudança de mentalidade eclesial que ia assimilando a possibilidade de uma abordagem multidisciplinar que as Ciências da Religião ofereciam, e a teologia apoiava (Villas-Boas, 2018, p. 270).

O que de nossa parte temos ressaltado é que o princípio pluralista tem forte base interdisciplinar, marcadamente alicerçada nos estudos culturais pós-coloniais e na teologia ecumênica da libertação. Ele foi formulado, como já referido, dentro das preocupações presentes nas análises do quadro contemporâneo de pluralismo religioso, especialmente o brasileiro. Também analisamos outras incidências do pluralismo, como as que afetam o método teológico e as questões de fundo antropológico como as que se relacionam com as dimensões de alteridade nas relações humanas, com a corporeidade e a sexualidade, especialmente.

O que temos levado em conta é a complexidade da realidade, não somente religiosa, mas também sociocultural. Há um ritmo acelerado das mudanças culturais em curso que engendram novas características no quadro de pluralismo. Os processos de globalização são amplos e diversos e acentuam a velocidade das alterações culturais, e geram certo ineditismo nas mais recentes configurações religiosas e nas crescentes formas de hibridismo, que se fortalecem nas áreas fronteiriças e nos entre-lugares das culturas.

11 Por ora, indicamos apenas algumas obras que são fruto de debate interdisciplinar sobre religião e indicam questões epistemológicas importantes: *Como estudar as religiões: metodologias e estratégias* (2018), de Emerson Sena da Silveira, *Narrativas míticas: análise das histórias que as religiões contam* (2018), organizado por Dilaine Soares Sampaio e Emerson Sena da Silveira, e *Religião, política e espaço público no Brasil: discussões teóricas e investigações empíricas* (2015), organizado por Manoel Ribeiro de Moraes Junior e Emerson Sena da Silveira.

Em nossas análises, a dimensão de fronteira se realça por variadas razões. A primeira delas está ligada às intercomunicações entre diferentes experiências religiosas. A diversidade interna de cada tradição religiosa envolvida no conjunto das experiências religiosas e as relações assimétricas de poder que possuem na sociedade brasileira revelam espaços fronteiriços em boa parte inéditos e de difícil compreensão. Tal pluralidade acarreta diferentes formas de exercitar a fé, seja no campo político, nas compreensões éticas ou na visão sobre os espaços públicos. Isto ocorre no interior de um mesmo grupo religioso, além das diferenças entre eles, o que faz do quadro de pluralismo religioso mais diversificado do que usualmente imaginamos. Nossa pressuposição é de que, se não recorrermos ao princípio pluralista nas análises, a possibilidade de reducionismos e incompreensões são grandes.

As fronteiras se dão também na medida em que as diferentes expressões religiosas no Brasil, assim como a diversidade interna de cada grupo religioso, possuem diferentes e mutáveis compreensões políticas e variadas visões de mundo, muitas vezes até mesmo antagônicas. Além disso, a maioria das experiências religiosas e inter-religiosas no país tem mantido ora um forte apelo de manutenção do *status quo* e ora é constituída de forte crítica social e estabelece, dessa forma, uma complexa relação entre religião, política e economia.

A preocupação com a diversidade religiosa é forte no Documento em questão, o que não poderia ser diferente, uma vez que as temáticas relativas ao pluralismo religioso têm ganhado destaque no cenário acadêmico. Tal ênfase está explicitada na identificação do egresso como profissional apto para a docência e para pesquisa sobre “saberes e conhecimentos sobre/das práticas religiosas de uma ou de várias tradições”. É fato que, da mesma forma como ocorre com os Programas de Pós-Graduação em Teologia, os de Ciências da Religião (e suas variações), especialmente os pertencentes à instituições e universidades confessionais, católicas e protestantes, precisam lidar com alguns limites que o desenvolvimento histórico destas instituições forjou no sentido de não aprofundarem maior abertura ecumênica que possibilite uma real valorização das tradições religiosas não cristãs como objeto das pesquisas. Mais uma vez, realçamos que tal afirmação não significa dizer que a confessionalidade das instituições de ensino que abrigam os Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião (e suas variações) necessariamente limita a pesquisa das tradições e religiões não cristãs. Trata-se de limites a serem superados¹².

Um aspecto que não poderia nos escapar é a relação entre as expressões de fundamentalismo-intolerância e as de pluralismo e diálogo. Nosso maior destaque é que se trata de uma realidade ambígua, uma vez que as duas expressões são antagônicas e ambas estão crescendo e se fortalecendo na sociedade. Tem sido comum no quadro religioso brasileiro, em diferentes confissões, uma concepção unilateral e absoluta da verdade que tende ao dogmatismo, o que inibe, entre outras coisas, o diálogo entre a fé

12 O pluralismo religioso possui implicações em vários aspectos sociais. Um deles é o que refere ao tema da Educação Religiosa, dentro dos debates sobre laicidade do Estado. A temática é recorrente nas pesquisas da Área e, em geral, articulam e agregam perspectivas tanto da Teologia quanto da Ciência da Religião, o que possibilita diálogo, aproximação e articulação entre tais frentes. Há o GT “Educação e Religião” que congrega na ANPTECRE um intenso trabalho.

e as ciências, entre religião e secularidade e entre grupos religiosos distintos. Há certa refutação religiosa das perspectivas antropológicas que levam em conta as formas de evolução do universo e da vida humana, as explicações mais racionais da vida e a possibilidade de visões plurais. Tais ideias, que possuem uma longa história para além do contexto brasileiro, são recompostas com novas ênfases, mas mantêm resguardada certa oposição às formas de autonomia humana. No campo cristão, tanto católico-romano como evangélico, são visíveis, por exemplo, as reações contra posturas mais abertas no campo da sexualidade, especialmente no que se refere ao direito das mulheres ao próprio corpo e ao prazer e também à homossexualidade¹³. Consideramos que, para o debate sobre pluralismo religioso, é de fundamental importância um aprofundamento sobre as raízes históricas dos movimentos fundamentalistas, compreendê-los bem, sem reducionismos e simplificações maniqueístas.

Por fim, destacamos a dimensão propositiva e prática do princípio pluralista e como ele se evidencia no Documento em questão. Realçamos dois pontos: O primeiro é que o egresso seja “capaz de atuar como profissional especializado, consultor/a, assessor/a e/ou mediador/a em questões relacionadas à religião no espaço público”. O segundo é que

Um dos desafios para a área é o desenvolvimento da pesquisa, ensino e extensão, no âmbito da pós-graduação, com ampliação do número de doutores/as atuando na área, com foco em problemas nacionais relacionados à compreensão e implicação sociocultural, éticopolítica e educacional do fenômeno religioso, das espiritualidades, das tradições de sabedoria e da teologia, inserção social qualificada e transformadora de seus docentes, discentes e egressos, além de uma necessária e permanente atenção voltada para a compreensão do estatuto epistemológico da área (CAPES, Documento da Área de Ciências da Religião e Teologia, 2019, p. 12).

Alex Villas-Boas, corrobora essa visão ao afirmar que

[...] a importância de uma cultura epistemológica consolidada é exatamente a sua capacidade de interagir com os fatores culturais, sociais e políticos, não raro externos ao debate acadêmico, mas que provocam interferências normativas. Vale mencionar o momento histórico nacional e a relação entre o cenário religioso e o cenário político que interferem na comunidade acadêmica (Villas-Boas, 2018, p.).

Portanto, no debate sobre pluralismo religioso e a relação dele com a sociedade, ao considerar o princípio pluralista, seguimos a compreensão de que toda e qualquer ação ou reflexão sobre democracia e/ou direitos humanos, típicas da visão decolonial, requer análises mais consistentes e posicionamentos mais nítidos acerca das questões que lhe são mais diretamente relacionadas. A lista não é pequena, mas destacamos o combate aos racismos, ao sexismo e ao homofobismo e a crítica ao sistema capitalista como produtor de desigualdades sociais, violência e pobreza. Realçamos que não se trata de questões paralelas, uma ao lado da outra, mas, sim, de um amálgama e entrelaçamento sociocultural que necessita de permanente e profunda crítica ao sistema econômico, com foco na reflexão e ação sobre as causas das divisões que acontecem na sociedade. No caso das religiões no Brasil, tanto pelas históricas dificuldades no tratamento de

13 O debate sobre a categoria “Gênero” é intenso no campo da Ciência da Religião, embora nem sempre com a devida atenção da Área como um todo. Há boa articulação das pesquisas no GT “Gênero e religião”, da Anptecre, que integra docentes de Programas de Ciências da Religião e de Teologia, o que revela a conexão destas frentes para estas temáticas.

tais questões quanto pela riqueza teológica de vários grupos que reagiram aos processos dominantes e se colocaram francamente a favor do aprofundamento da democracia e dos direitos, esse processo avaliativo, reflexivo e propositivo torna-se cada vez mais imperativo para os estudos de religião.

Considerações finais

Nossa pesquisa foi desenvolvida considerando o debate epistemológico que tem se dado no contexto da Área Ciências da Religião e Teologia no Brasil. O objetivo principal das análises feitas foi observar as relações entre essas duas frentes (ou disciplinas, como também são chamadas), levando em conta o que tem sido refletido por diferentes grupos e observando o princípio pluralista, aqui descrito. Nossa pressuposição é de que tal princípio, devido às suas bases conceituais, pode oferecer maior visibilidade ao poder criativo das fronteiras que existem entre as duas frentes em questão nesta análise e pode facilitar as reflexões de ambas ao ser um elemento articulador das pesquisas, sobretudo aquelas motivadas por realidades, temáticas e situações forjadas pelos “entrelugares das culturas” e por experiências fronteiriças.

O passo metodológico principal da pesquisa foi o cotejamento do princípio pluralista com aspectos importantes evidenciados no Documento da Área Ciências da Religião e Teologia, da Capes (2019), especialmente a “árvore do conhecimento” e os perfis dos egressos pós-graduados nestas duas frentes. Entre as perspectivas conceituais, priorizamos: i) as noções de diálogo multi, inter e transdisciplinar e a valorização da pluralidade metodológica, ii) a preocupação específica com a diversidade religiosa, e iii) o caráter propositivo, prático e de inserção social inerente ao princípio pluralista.

Neste percurso, procuramos identificar as linhas de pesquisa da Área que destacam dimensões e concepções plurais. Entre as muitas ênfases e eixos, listamos: i) Pluralismo, diálogo e cooperação inter-religiosa, ii) Religião, gênero e sexualidade, iii) Teologia e economia, iv) Experiência religiosa, cultura e empoderamento de grupos subalternizados, v) Teologia e ecologia, vi) Religião, linguagem e literatura, vii) Ensino religioso e laicidade do Estado, viii) Pluralismo religioso, democracia e direitos humanos, ix) Religião, racismo, sexismo e homofobismo, x) Transreligiosidade, cotidiano, sensações e mídia, xi) Diversidade religiosa (pentecostalismos, catolicismos, múltiplas pertencas, tradições e sabedorias religiosas, cristãs e não cristãs), xii) Textos e linguagens de tradições não cristãs, xiii) Mística e teologia, xiv) Pluralismos e fundamentalismos.

Para um aprofundamento do debate epistemológico da Área Ciências da Religião e Teologia, consideramos importante uma atenção especial às linhas de pesquisas acima indicadas e como elas equacionam as questões fronteiriças das duas frentes em questão. O mesmo se dá para o aprimoramento teórico do princípio pluralista.

Referências

ARAGÃO, Gilbráz. “Do transdisciplinar ao transreligioso” (pp. 133-148). In: TEPEDINO, Ana Maria & ROCHA, Alessandro. *A teia do conhecimento: fé, ciência e transdisciplinaridade*. São Paulo: Paulinas, 2008.

ARAGÃO, Gilbraz, CABRAL, Newton e VALLE, Edênio (Orgs.). Para onde vão os estudos da religião no Brasil? São Paulo: Anptecre, 2014.

ARAGÃO, Gilbráz. “Encruzilhada dos Estudos de Religião No Brasil”. Revista de Teologia e Ciências da Religião, UNICAP, v. 5, n. 1, 2015, pp. 319-337.

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BRIGHENTI, Agenor. “Ciência da Religião aplicada à ação pastoral” (p. 663-676). In: PASSOS, João Décio & USARSKI, Frank (Orgs.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

CAMURÇA, Marcelo. “Les Sciences Religieuses: um olhar a partir do Brasil para o campo de estudo das ciências da religião na França”. Estudos de Religião, v. 25, n. 41, jul./dez. 2011, p. 12-28.

CAPES, DOCUMENTO DA ÁREA CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E TEOLOGIA, 2019. Disponível em: <https://capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/ciencia_religiao_teatologia.pdf>. Acessos em 10/12/2018 à 10/03/2019.

CARNEIRO, João Luiz. Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARNEIRO, João Luiz. Os Orixás nas Umbandas. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

CRUZ, Eduardo Rodrigues & DE MORI, Geraldo (org.). Teologia e Ciências da Religião: A caminho da maioria acadêmica no Brasil. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Editora PUCMinas, 2011.

DUPUIS, J. Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso. São Paulo: Paulinas, 1999.

GEFFRÉ, C. Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia. São Paulo: Vozes, 2004.

GROSS, Eduardo. “Considerações sobre a Teologia entre os Estudos de Religião” (pp. 323-346). In: TEIXEIRA, F. A(s) Ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

GT “Espiritualidades contemporâneas, pluralidade religiosa e diálogo”. <http://www.unicap.br/observatorio2/?p=2586> acesso em 4/3/2019.

HIGUET, Etienne. “A teologia em programas de ciências da religião”. Correlatio, vol.5, n. 9, maio 2006, pp. 37-51.

HIGUET, Etienne. “Reformulação do programa de pós-graduação em ciências da religião da Universidade Metodista de São Paulo: aspectos históricos e epistemológicos”. Numen, v. 15, n. 2, pp. 343-375, 2012.

- HIGUET, Etienne (org.). Dossiê “Teorias de linguagem e estudos de religião”. *Horizonte* v. 16, n. 51, set/dez 2018.
- Interações*. Dossiê “Teologia: epistemologias”, v. 13, n. 24, ago./dez. 2018.
- JUNQUEIRA, Sergio, ROSSI, Luis Alexandre. *Religião, direitos humanos e laicidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. “Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil” (pp. 179-196). In: TEIXEIRA, F. (Org.) *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MIGNOLO, Walter. *Delinking. The rethoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality*. *Cultural studies*, Abingdon-on-Thames, Routledge, v. 2 and 3, n. 21, March/May 2007, pp. 449-514.
- MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: literatura, língua e identidade*, Niterói, nº 34, 2008, pp. 287-324.
- MORAES JUNIOR, Manoel & SENA DA SILVEIRA, Emerson, *Religião, política e espaço público no Brasil: discussões teóricas e investigações empíricas*. São Paulo: Fonte Editorial&UEPA, 2015.
- MUSKOFF, André. *Via(da)gens Teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- MUSKOFF, André. *Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay*. São Paulo: Fonte Editorial/CEBI, 2015.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015.
- Numen*. Dossiê “Ciência(s) da Religião (ões) no Brasil”, v. 15, n. 2, 2012.
- PANASIEWICZ, Roberlei. *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PASSOS, João Décio & USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.
- Perspectiva Teológica*. Dossiê “Teologia e Ciências da Religião: duas epistemologias”, v. 39, n. 108, 2007.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Pluralismo e Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. “O princípio pluralista: bases teóricas, conceituais e possibilidades de aplicação”. *Revista de Cultura Teológica*, v. 25, pp. 234-254, 2017a.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. “O princípio pluralista”. *Cadernos de Teologia Pública – IHU*, v. 14, n. 128, 2017b.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Testemunho e Libertação: a Teologia Latino-Americana em Questão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

SAMPAIO, Dilaine Soares & SENA DA SILVEIRA, Emerson (orgs.). *Narrativas míticas: análise das histórias que as religiões contam*. Petrópolis: Vozes, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2010a.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010b.

SENA DA SILVEIRA, Emerson (org.). *Como estudar as religiões: metodologias e estratégias*. Petrópolis: Vozes, 2018.

SENRA, Flávio. “O teólogo e o cientista da religião: Religiografia acerta das interfaces entre Ciências da Religião e Teologia no Brasil”. *Revista Rever*, v. 16, n. 1, 2016, pp. 109-136.

SENRA, Flávio. “Estudos de Ciência(s) da(s) Religião(ões) e Teologia no Brasil: Situação atual e perspectivas”. *Revista Rever*, v. 15, n. 1, jan./jun 2015, p. 196-214.

SENRA, Flávio & FERREIRA, Amauri Carlos. “Tendência interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil: O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país”. *Numen*, v. 15, n. 2, 2012, pp. 249-269.

SENRA, Flávio. “O estado atual dos programas de Teologia e Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil – 2013-2014: aproximações”. *Reflexão*, v. 41, n. 1, p. 7-16, jan./jun., 2016.

SENRA, Flávio. “A Pós-Graduação em Ciências da Religião e Teologia no quadriênio 2103-2016”. *Interações*, v. 13, n. 24, 2018, pp. 526-533.

SOARES, Afonso Maria Ligório. “Teologia e Ciência da Religião: diálogo possível” (201-213). In: TEPEDINO, Ana Maria & ROCHA, Alessandro. *A teia do conhecimento: fé, ciência e transdisciplinaridade*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOARES, Afonso Maria Ligório. “Ciência da Religião Aplicada” há a contribuição de Afonso Ligório Soares com “Ciência da Religião aplicada à Teologia” (p. 649-661). In: PASSOS, João Décio & USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

SOARES, Afonso Maria Ligório. “A teologia em diálogo com a ciência da religião” (pp. 281-306). In: USARSKI, Frank (org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

SUSIN, Luiz Carlos. “A Teologia na teia do conhecimento: problemas de epistemologia e metodologia” (pp. 75-96). In: TEPEDINO, Ana Maria & ROCHA,

Alessandro. *A teia do conhecimento: fé, ciência e transdisciplinaridade*. São Paulo: Paulinas, 2008.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *A(s) Ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo, Paulinas, 2001.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Nas teias da delicadeza: itinerários místicos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Caminhos da mística*. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. “Ciência da Religião e Teologia” (p. 175-183). In: PASSOS, João Décio & USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

USARSKI, Frank. *Constituinte da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VILLAS-BOAS, Alex. “Perspectiva interdisciplinar da teologia no Brasil: O debate epistemológico da Área de Ciências da Religião e Teologia”. *Interações*, v. 13, n. 24, p. ago./dez. 2018, p. 260-286.

VON SINNER, Rudolf. “Teologia pública no Brasil um primeiro balanço”. *Perspectiva Teológica*, v. 44, n. 122, pp. 11-28, 2012.

WOLFF, Elias. *Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã*, São Paulo: Paulinas, 2016.

Recebido: 5 de maio de 2019.

Aprovado: 21 de agosto de 2019.